Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 16 – n. 3 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Línguas ameaçadas: Documentação, descrição, análise, revitalização e ensino
ARTIGO

DICIONÁRIOS NO CONTEXTO DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS AMEAÇADAS:

Um panorama lexicográfico

DICTIONARIES IN THE CONTEXT OF ENDANGERED BRAZILIAN INDIGENOUS LANGUAGES:

A lexicographical overview

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO
Submissão do trabalho: 7/07/2025
Aprovação do trabalho: 30/08/2025
Publicação do trabalho: 20/11/2026

Matheus Augusto Ribeiro Soares
matheusars2001@gmail.com
Universidade Federal do Pará

COMO CITAR
RIBEIRO SOARES, Matheus Augusto. DICIONÁRIOS NO CONTEXTO DE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS AMEAÇADAS: Um panorama lexicográfico. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 39–51, 2026. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1012.

Resumo

Dentre as diversas estratégias implementadas por linguistas e comunidades indígenas relacionadas ao estudo e documentação das línguas indígenas, há o processo de dicionarização destas línguas. Tal processo tem diversas funcionalidades e pode contribuir de forma significativa para a manutenção, fortalecimento e preservação das línguas. O processo de elaboração de dicionários para línguas indígenas brasileiras em situação de ameaça vem sendo cada vez mais implementado enquanto estratégia de preservação de diversas línguas indígenas ao redor do Brasil. Diante disso, o presente trabalho possui como objetivo comparar algumas iniciativas de elaboração de dicionários, especialmente no contexto de línguas indígenas brasileiras ameaçadas, e traçar um panorama lexicográfico sobre o padrão dessas produções. A metodologia utilizada consiste em levantamento bibliográfico de literaturas pertinentes à pesquisa e a fonte de dados se divide em endereços eletrônicos de instituições nacionais que hospedam dicionários: Museu Paraense Emílio Goeldi e Portal Japiim, e fontes bibliográficas sobre elaboração de dicionários (Ferreira, 2009; Freitas, D'Angelis, 2017; Padovani, 2018). O estudo identificou uma série de semelhanças e diferenças nas organizações das macroestruturas e microestruturas dos dicionários analisados. A comparação entre os cinco modelos apresentados aponta para, pelo menos, três tendências no processo de dicionarização de línguas indígenas ameaçadas no Brasil, a saber: (i) uma ampliação de projetos de elaboração de dicionários, partindo de iniciativas individuais para amplos projetos sistemáticos de dicionarização de línguas; (ii) o uso cada vez mais crescente de mídias digitais, e (iii) uma crescente padronização nos modelos de macroestrutura e microestrutura utilizados.

Palavras-chave: Lexicografia; Línguas indígenas; Dicionarização.

Abstract:

Among the various strategies implemented by linguists and indigenous communities related to the study and documentation of indigenous languages there is the process of dictionarising the indigenous languages. This process has various functions and contributes significantly to the maintenance and preservation of languages. The process of producing dictionaries for endangered Brazilian indigenous languages has been increasingly implemented as a strategy for preserving various indigenous languages around Brazil. The aim of this paper is to compare a number of initiatives to produce dictionaries, especially in the context of indigenous Brazilian languages, and to draw up a lexicographic overview of the patterns of these products. The study's methodology consisted of a bibliographic survey of pertinent literature and the sources of data were electronic addresses of national institutions that host dictionaries: Museu Paraense Emílio Goeldi and Portal Japiim, and bibliographical sources on dictionary production (Ferreira, 2009; Freitas, D'Angelis, 2017; Padovani, 2018). The study identified similarities and differences in the organisation of the macrostructures and microstructures of the dictionaries analysed. The comparison between the five models presented points to at least three trends in the process of dictionarising endangered

indigenous languages in Brazil: (i) an expansion of dictionary-making projects, from individual initiatives to broad systematic language dictionarization projects; (ii) the increasing use of digital media, and (iii) a growing standardization in the macrostructure and microstructure models.

Keywords: Lexicography; Indigenous languages; Dictionary compilation.

Introdução

Nos últimos anos, têm crescido a quantidade de estudos que discutem o processo de apagamento das línguas indígenas brasileiras. Há estimativas que demonstram que as línguas indígenas existentes hoje no Brasil representam apenas 20% do total que existia antes da colonização portuguesa. Isso, significa que houve uma perda de aproximadamente 80% do patrimônio linguístico indígena em 500 anos de colonização (Galucio, Moore & Voort, 2018).

Este cenário crítico impõe a necessidade de preservação destas línguas por meio de ações práticas que visem documentar as línguas indígenas, desacelerar o processo de perda linguística e promover o aumento de vitalidade e fortalecimento (Franchetto & Maia, 2020; Galucio & Chagas, 2024).

Dentre as possíveis estratégias implementadas pelas comunidades indígenas em parceria com pesquisadores, está o processo de dicionarização de línguas indígenas ameaçadas. Tal processo tem diversas funcionalidades e pode contribuir de forma significativa para a manutenção e preservação das línguas.

A tarefa de elaborar dicionários para línguas com baixa vitalidade requer um conjunto diferente de estratégias daquelas usadas para línguas com alta vitalidade. Mosel (2004) aponta que as principais diferenças residem no fato dos primeiros serem projetos sem fins lucrativos com recursos limitados de tempo, dinheiro, equipe e o fato do linguista que organiza a obra não ser falante nativo do idioma.

Além da diferença nas estratégias utilizadas na elaboração, há diferenças também no impacto que o dicionário possui entre comunidades de línguas com alta e baixa vitalidade. Kroskrity (2015) argumenta que um dicionário possui uma importância óbvia para uma comunidade com uma língua em contexto de ameaça e representa o produto mais familiar e útil de representação linguística para os membros da comunidade.

Diante do cenário exposto, o presente trabalho possui como objetivo comparar algumas iniciativas de elaboração de dicionários, especialmente no contexto de línguas indígenas brasileiras, e traçar um panorama lexicográfico sobre o padrão dessas produções ao redor do Brasil.

1 Metodologia

A metodologia utilizada consiste, inicialmente, em um levantamento bibliográfico sobre literaturas relacionadas ao estado das línguas indígenas brasileiras (Galucio, Moore & Voort, 2018) e sobre dicionarização de línguas indígenas em contexto de ameaça (Mosel, 2004; Kroskrity, 2015).

A fonte de dados utilizada na análise consiste em dois portais eletrônicos que hospedam dicionários, o portal de dicionários[1] do Museu Paraense Emílio Goeldi e o Portal Japiim[2] do Museu Nacional dos Povos Indígenas.

Além dos portais eletrônicos, foram utilizadas fontes bibliográficas sobre outras iniciativas de caráter mais independente de produção de obras lexicográficas (Ferreira, 2009; Freitas & D'Angelis, 2017; Padovani, 2018).

Os dicionários selecionados para a pesquisa foram comparados no tocante à macroestrutura e a microestrutura empregada em cada um dos modelos.

Tal metodologia serviu de base para identificar características semelhantes e divergentes entre os dicionários e as sínteses possíveis entre tais modelos. Além disso, a comparação permitiu a elaboração de um panorama da prática lexicográfica voltada para línguas indígenas no Brasil.

2 Modelo 01: Os dicionários publicados no portal do Museu Paraense Emílio Goeldi

O Museu Paraense Emílio Goeldi possui, atualmente, um projeto de elaboração de dicionários multimídias bilíngues para línguas indígenas ameaçadas. Este projeto visa contribuir com o processo de revitalização destas línguas por meio da dicionarização. Hoje em dia, grande parte dos dicionários elaborados são, majoritariamente, de línguas faladas no atual estado de Rondônia, região norte do Brasil.

O estopim para a implementação deste projeto de elaboração de dicionários multimídias foi o anseio das comunidades indígenas de Rondônia por um material que servisse como suporte ao processo de retomada de suas respectivas línguas (Galucio et al, 2026).

O projeto utiliza uma metodologia própria de elaboração de dicionários que possui como características ser uma metodologia replicável, de código aberto e que pode ser utilizada pelas comunidades em larga escala. Esta metodologia está amplamente descrita e/ou aplicada em (Brito & Birchall, 2022; Brito, Birchall & Galucio, 2023; Soares, Rodrigues Jr. & Galucio, 2024; Galucio et al, 2026).

Até o momento, o projeto conta com um total de 07 dicionários elaborados e publicados em sua plataforma de acesso livre para diferentes línguas indígenas, são elas, as línguas Kanoé, Sakurabiat, Puruborá, Oro win, Salamãi, Wanyam e um vocabulário temático de topônimos de lugares sagrados da língua Baniwa-Koripako.

Os dicionários multimídias seguem um padrão de organização específicos para sua macroestrutura e microestrutura. A macroestrutura dos dicionários apresenta a organização dos itens lexicais em campos semânticos.

Já o padrão de organização da microestrutura desses dicionários consiste em lexema, transcrição fonética, classe gramatical, tradução, áudio da entrada, imagem, exemplo de uso,

1 https://dicionarios.museu-goeldi.br/index.php
2 https://japiim.museudoindio.gov.br/index.php

tradução do exemplo e áudio do exemplo. Porém, é possível que determinado item lexical dos dicionários apresente ou não todas estas informações no verbete.

Abaixo estão organizados os principais componentes deste modelo de dicionário que será considerado como modelo 01.

Quadro 01: Modelo 01 de dicionário.

MODELO 01	
Macroestrutura	Campos semânticos
Microestrutura	Lexema
	Transcrição fonética
	Classe gramatical
	Tradução
	Áudio da entrada
	Imagem
	Exemplo de uso
	Tradução do exemplo
	Áudio do exemplo

Fonte: O autor

3 Modelo 02: Os dicionários publicados na plataforma japiim, no portal do Museu Nacional dos Povos Indígenas

Uma outra iniciativa nacional de fortalecimento de línguas indígenas brasileiras ligada à elaboração de dicionários multimídias digitais é implementada pelo Museu Nacional dos Povos Indígenas.

O projeto oferece uma plataforma em formato de endereço eletrônico onde estão depositados, até o momento, os dicionários de 21 línguas indígenas brasileiras. Tal projeto possibilita a salvaguarda e a preservação desse patrimônio linguístico e contribui para o fortalecimento destas línguas.

As 21 línguas que contam com dicionários publicados na plataforma japiim são: Arutani, Guató, Karajá, Korubo, Ninam, Taurepang, Xinane Yura, Baniwa-Koripako, Ynkarîkok, Karipuna, Mbya, Pamie-Kubeo, Waiwai, Ỹaroamë, Galibi-Marworno, Ka'apor, Kawahiva, Moré-Kuyubim, Sanöma, Werekena e Ye'kwana.

Os dicionários multimídias bilíngues elaborados no âmbito deste projeto seguem um padrão de metodologia e organização, tanto da sua macroestrutura quanto de sua microestrutura.

A organização padrão da macroestrutura dos dicionários pode ser caracterizada enquanto fluida. Os itens lexicais podem ser reordenados com base em três critérios de organização (i) em ordem alfabética, (ii) em campos semânticos e (iii) com base nas suas classes gramaticais.

A organização da microestrutura consiste em lexema, transcrição fonética, áudio da entrada, tipo de sintagma, tradução, imagem, exemplo de uso na língua, áudio do exemplo e tradução do

exemplo.

Esta é a estrutura geral de um verbete dentro do padrão de organização dos dicionários elaborados pelo Museu Nacional dos Povos Indígenas, sendo possível, determinada entrada não apresentar uma ou outra informação dentre as listadas acima.

Este padrão de organização dos dicionários está sintetizado no quadro 02 abaixo e é identificado como modelo 02 de elaboração de dicionários.

Quadro 02: Modelo 02 de dicionário.

<table>
<tr><th colspan="3">MODELO 02</th></tr>
<tr><td rowspan="3">Macroestrutura</td><td rowspan="3">Fluida</td><td>Ordem Alfabética</td></tr>
<tr><td>Campos semânticos</td></tr>
<tr><td>Classes gramaticais</td></tr>
<tr><td rowspan="9">Microestrutura</td><td colspan="2">Lexema</td></tr>
<tr><td colspan="2">Transcrição fonética</td></tr>
<tr><td colspan="2">Áudio da entrada</td></tr>
<tr><td colspan="2">Tipo de sintagma</td></tr>
<tr><td colspan="2">Tradução</td></tr>
<tr><td colspan="2">Imagem</td></tr>
<tr><td colspan="2">Exemplo de uso</td></tr>
<tr><td colspan="2">Tradução do exemplo</td></tr>
<tr><td colspan="2">Áudio do exemplo</td></tr>
</table>

Fonte: O autor

4 Modelo 03: O dicionário escolar bilíngue do Kaingang paulista

O dicionário escolar bilíngue da variedade paulista do Kaingang será considerado como uma das iniciativas independentes de preservação e fortalecimento por meio da dicionarização. A elaboração deste dicionário foi feita por professores da comunidade Kaingang em parceria com pesquisadores.

Freitas (2017) relata que a elaboração deste dicionário se deu a partir do anseio de professores indígenas de possuir um material capaz de dar suporte e servir ao processo de transmissão da língua e cultura Kaingang.

O dicionário possui um modelo de organização particular de sua macroestrutura e de sua microestrutura. A macroestrutura deste dicionário, conforme relata Freitas (2017), organiza os itens lexicais com base nos campos semânticos aos quais pertencem.

Quanto à microestrutura dos verbetes, Freitas (2017) afirma que este é organizado em lexema, variantes, classificação gramatical, indicação do tipo de vocábulo, proposta de tradução para o português, uso da palavra em expressões, exemplos de usos da palavra em orações completas, observações gramaticais pertinentes, observações etnológicas ou linguísticas pertinentes e créditos aos falantes da exemplificação.

O padrão geral de organização da macroestrutura e microestrutura do dicionário escolar bilíngue do Kaingang paulista está ilustrado no quadro 03 abaixo e será considerado como modelo 03.

Quadro 03: Modelo 03 de dicionário.

MODELO 03	
Macroestrutura	Campos semânticos
Microestrutura	Lexema
	Variantes
	Classificação gramatical
	Indicação do tipo de vocábulo
	Proposta de tradução para o português
	Uso da palavra em expressões
	Exemplos de usos da palavra em orações completas
	Observações gramaticais pertinentes
	Observações etnológicas ou linguísticas pertinentes
	Créditos aos falantes da exemplificação

Fonte: O autor

5 Modelo 04: O dicionário bilíngue da língua Tapajuna

Uma outra iniciativa de natureza independente é a elaboração do Dicionário Bilíngue da Língua Tapajuna descrita por Ferreira (2009). Neste caso, conforme relata a autora, o processo de elaboração de um dicionário serviu para proceder investigações sobre aspectos específicos de itens lexicais e dar suporte às investigações sobre a língua em si.

Apesar da elaboração do dicionário da língua Tapajuna não ser descrito por Ferreira (2009) como diretamente ligado a um processo de revitalização linguística, tais processos são consequências intrínsecas da elaboração de um dicionário. Isto porque, ao se gerar uma obra lexicográfica, se produz o registro duradouro e sistemático desta língua e, ao mesmo tempo, a fortalece.

A elaboração deste dicionário contou com o processo de organização de uma macroestrutura e uma microestrutura básica para a organização do léxico da língua Tapajuna no dicionário.

Ferreira (2009) descreve a organização dos verbetes em uma macroestrutura baseada na ordem alfabética dos itens lexicais. Já sobre a microestrutura, a autora relata que esta é composta por lexema, homônimo, forma fonética, glosa, referência, morfologia, picture, nota e data.

No quadro 04 abaixo estão organizados cada um dos componentes da macroestrutura e microestrutura do Dicionário Bilíngue da Língua Tapajuna que será considerado o modelo 04.

Quadro 04: Modelo 04 de dicionário.

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 16 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **VOLUME ATEMÁTICO - ARTIGO**

MODELO 04	
Macroestrutura	Ordem Alfabética
Microestrutura	Lexema
	Homônimo
	Forma fonética
	Glosa
	Referência
	Morfologia
	Picture
	Nota
	Data

Fonte: O autor

6 Modelo 05: O dicionário bilíngue da língua Apurinã

O último modelo analisado foi o Dicionário Bilíngue da Língua Apurinã (Padovani, 2018). Segundo Padovani (2018), a elaboração do dicionário teve como objetivo tanto a manutenção da língua, que é falada cada vez menos pelo povo Apurinã, quanto produzir um material que sirva de suporte aos professores indígenas para uso didático no ensino da língua nas escolas.

O Dicionário Bilíngue da Língua Apurinã conta com um padrão de organização próprio tanto para a sua macroestrutura quanto para a sua microestrutura. No que tange à sua macroestrutura, Padovani (2018) relata que o dicionário está organizado em ordem alfabética dos verbetes em Apurinã.

Já a respeito da microestrutura em cada verbete, este contém lexema, pronúncia, informação gramatical, equivalência, definição, exemplo na língua, tradução do evento, variante, nome da comunidade, campo semântico e nome científico.

Os padrões de organização da macroestrutura e microestrutura do Dicionário Bilíngue da Língua Apurinã estão organizados no quadro 05 abaixo e esse modelo de dicionário será tomado como modelo 05.

Quadro 05: Modelo 05 de dicionário.

MODELO 05	
Macroestrutura	Ordem Alfabética
Microestrutura	Pronúncia
	Informação gramatical
	Equivalência
	Definição
	Exemplo na língua
	Tradução do exemplo
	Variante
	Nome da comunidade

	Campo semântico
	Nome científico

Fonte: O autor

7 Dicionários para línguas indígenas no Brasil: Aspectos comparativos e panorama lexicográfico

A partir das características e padrões de organização de cada um dos modelos de dicionários, é possível traçar algumas comparações entre eles, a fim de compreender o panorama lexicográfico para as línguas indígenas brasileiras.

Um primeiro aspecto entre os modelos de dicionários que é possível comparar é a macroestrutura de cada um. Segundo Atkins & Rundell (2008), a macroestrutura de um dicionário se refere a decisões a respeito dos tipos de entradas que serão incluídas no dicionário e a organização da lista de itens lexicais.

A partir da comparação de cada um dos modelos discutidos, é possível observar a existência de, pelo menos, três formas distintas de organização de macroestruturas padrões nos dicionários de línguas indígenas brasileiras.

As três formas de organização e os respectivos modelos que optam em utilizá-las estão dispostas no quadro abaixo.

Quadro 06: Tipos de macroestruturas dos dicionários de línguas indígenas.

MACROESTRUTURA	
Tipos	**Modelos**
Campo semântico	Modelo 01
	Modelo 03
Ordem alfabética	Modelo 04
	Modelo 05
Ordem fluida	Modelo 02

Fonte: O autor

Conforme ilustrado no quadro acima, os modelos de dicionários 01 e 03 optam por uma organização da macroestrutura baseada no campo semântico dos itens lexicais. Os modelos 04 e 05 de dicionários optam pela disposição do léxico em ordem alfabética em sua macroestrutura.

Por último, o modelo 02 de dicionário organiza sua macroestrutura pelo que será denominado ordem fluida, isto é, o dicionário permite a reordenação dos itens lexicais que o compõem com base em (i) campo semântico, (ii) ordem alfabética e (iii) classes gramaticais do léxico. A reorganização da macroestrutura do dicionário é feita de forma automática pelo próprio usuário, sendo dele a decisão de como reorganizar os itens lexicais na plataforma online.

Um segundo aspecto que é possível comparar entre os modelos de dicionários discutidos é a sua microestrutura. Segundo Atkins & Rundell (2008), o termo microestrutura se refere ao planejamento das entradas de um dicionário e as decisões sobre sua estrutura e componentes.

No quadro abaixo estão organizados os padrões de organização de microestruturas que são comuns aos modelos discutidos.

Quadro 07: Elementos de microestruturas dos dicionários de línguas indígenas.

MICROESTRUTURA	
Componentes	**Modelos**
Lexema Tradução Informação gramatical	Modelos 01 – 02 – 03 – 04 – 05
Transcrição Fonética	Modelos 01 - 02 - 04 - 05
Exemplo de uso Tradução do exemplo	Modelos 01 - 02 - 03 - 05
Áudio da entrada Áudio do exemplo	Modelos 01 - 02
Imagem	Modelos 01 - 02 - 04
Variantes	Modelos 03 - 05

Fonte: O autor

Conforme é possível observar no quadro 07 exposto acima, os modelos de dicionários discutidos possuem semelhanças no que diz respeito aos componentes que selecionam para compor os níveis descritivos dos itens lexicais.

Todos os modelos de dicionários apresentam como componentes básicos em suas microestruturas o 'lexema', a 'tradução' e a 'informação gramatical' do item lexical. O componente 'transcrição fonética' é exibido na microestrutura dos modelos 01, 02, 04 e 05, e somente não foi apresentado no modelo 03 de dicionários.

Ainda conforme o quadro 07, os modelos 01, 02, 03 e 05 apresentam os componentes 'exemplos de uso' e 'tradução do exemplo' nas suas microestruturas. Já a respeito do componente 'variante', este só ocorreu nas microestruturas dos modelos 03 e 05 de dicionários.

Com relação a imagem e áudio, observamos que os modelos 01, 02 e 04 apresentaram o componente 'imagem' em suas microestruturas. Já os componentes 'áudio da entrada' e 'áudio do exemplo' ocorrem somente na microestrutura dos modelos 01 e 02 de dicionários. Estes dois últimos modelos de dicionários caracterizam-se como dicionários multimídia, para uso em plataformas de suporte online, como computador e dispositivos móveis.

Além dos aspectos em comum apresentados pelos modelos de dicionários acima, foram identificados também aspectos particulares em alguns modelos. Os modelos 03, 04 e 05 apresentaram componentes particulares em suas respectivas microestruturas que não foram observados em nenhum outro modelo.

Na microestrutura do modelo 03, os componentes particulares que não foram identificados

nos demais modelos foram 'uso da palavra em expressões', 'observações gramaticais pertinentes', 'observações etnológicas e linguísticas pertinentes' e 'créditos ao falante da exemplificação'.

Na microestrutura do modelo 04, os componentes que podem ser considerados particulares são 'homônimo', 'referência', 'nota' e 'data'.

Na microestrutura do modelo 05, foram encontrados os componentes 'definição', 'nome da comunidade', 'campo semântico' e 'nome científico' como elementos particulares e encontrados somente neste modelo.

É interessante observar que, pelo fato de a macroestrutura ser organizada em ordem alfabética, a informação 'campo semântico' que, em outros modelos é usada como macroestrutura, neste dicionário é um dos componentes da microestrutura.

A partir de toda a comparação realizada entre os padrões de organização das macroestruturas e microestruturas dos cinco modelos discutidos neste trabalho, é possível tecer algumas observações sobre o panorama da prática lexicográfica voltada para a preservação de línguas indígenas brasileiras.

Em primeiro lugar, é possível observar três grandes tendências na prática lexicográfica voltada para a preservação de línguas indígenas no Brasil atualmente.

A primeira delas diz respeito a uma gradativa mudança no processo de elaboração de dicionários. Observa-se um cenário de ampliação da prática lexicográfica para línguas indígenas, com a implementação de projetos cada vez mais amplos e permanentes de elaboração deste tipo de produto para línguas indígenas.

Os modelos 01 e 02 de dicionários ilustram projetos mais amplos de dicionarização que atingem de forma sistemática as diversas línguas.

Uma segunda tendência está relacionada a uma aposta cada vez maior na inserção de mídias como componentes da microestrutura dos dicionários. Esta tendência se confirma ao se observar a presença de áudios para entradas lexicais e exemplos, bem como as imagens nos modelos 01, 02 e 04 de dicionários.

Esta tendência de inserção de mídias atribui um caráter mais funcional e didático aos dicionários, bem como atrativo, pois passam a possuir um estímulo não somente visual, para ilustrar o significado do item lexical por meio da imagem, mas também um estímulo auditivo por meio dos áudios, os quais possibilitam ouvir a repetição das palavras e frases na língua indígena.

Uma terceira tendência está relacionada ao processo de organização de macroestruturas e microestruturas dos diferentes modelos. Esta tendência é resultado direto do processo de dicionarização vistos nos modelos 01 e 02.

Como os dicionários produzidos fazem parte de uma plataforma geral que pode ser adaptada para qualquer língua, há uma tendência a uma padronização cada vez maior das práticas de organização dos elementos que compõem tanto a macroestrutura quanto a microestrutura dos dicionários.

É possível observar tal tendência a partir dos modelos 03, 04 e 05, que correspondem a

iniciativas independentes de elaboração de dicionários. Estes modelos mostraram aspectos particulares em suas microestruturas não identificados nos demais.

Em oposição, os modelos 01 e 02, que correspondem a amplos e sistemáticos projetos de dicionarização de línguas indígenas, não apresentaram componentes particulares em suas microestruturas, sendo todos eles identificados nos demais modelos e entre si.

As diferenças e semelhanças entre os modelos podem ser explicadas por dois fatores principais. As diferenças podem ser explicadas em termos de especificidades e necessidades de cada língua ou comunidade indígena que motivaram a elaboração do dicionário. Tais necessidades influenciam diretamente nas decisões relacionadas à estrutura e organização dos dicionários.

As semelhanças, por outro lado, indicam uma relativa uniformidade nas práticas de organização do léxico em dicionários voltados para a revitalização e preservação das diversas línguas indígenas ameaçadas ao redor do Brasil.

Considerações finais

O estudo identificou uma série de semelhanças e diferenças na organização das macroestruturas e microestruturas dos dicionários analisados.

Por um lado, há uma relativa uniformidade na organização do léxico nos dicionários produzidos para línguas indígenas ameaçadas ao redor do Brasil. Por outro lado, existem diferenças que se justificam pelas especificidades do cenário linguístico e cultural de cada comunidade indígena.

A comparação entre os cinco modelos aponta para, pelo menos, três tendências no processo de dicionarização de línguas indígenas ameaçadas no Brasil. Estas tendências estão relacionadas tanto à sua organização estrutural quanto a semelhanças e diferenças entre os elementos que compõem tal estrutura.

A primeira relacionada à ampliação nos projetos de dicionarização de línguas indígenas ameaçadas. A segunda relacionada ao uso de mídias como componentes da microestrutura e a última relacionada a uma crescente padronização nos modelos de organização das macroestruturas e microestruturas.

Além dessas tendências, há um fator fundamental que deve permear a elaboração de dicionários de línguas indígenas ameaçadas: a participação ativa da comunidade no processo de elaboração da obra lexicográfica.

Isso está diretamente relacionado à organização da macroestrutura e da microestrutura dos dicionários. Tal fator se manifesta por meio de decisões de como organizar o léxico, quais categorias utilizar, como conceituar ou traduzir da melhor forma os itens lexicais etc.

A comunidade precisa ter espaço para discutir as principais demandas e buscar, junto ao pesquisador, estratégias para que o dicionário seja um produto voltado para as necessidades da própria comunidade. É muito importante que o pesquisador crie mecanismos que engajem os

membros da comunidade na tarefa de elaboração do dicionário, a fim de torná-la mais participativa.

Tal elaboração precisa ser uma prática conjunta entre pesquisador e comunidade indígena, se ouvindo mutuamente, para que a obra lexicográfica cumpra o papel necessário dentro da comunidade de fala e seja capaz de mobilizar esta mesma comunidade para avançar na revitalização de sua língua.

Assim, o cenário da prática lexicográfica no Brasil, tendo como foco as línguas indígenas, se mostra positivamente em expansão e sinaliza uma aposta cada vez maior na dicionarização destas línguas como um mecanismo de preservação do patrimônio linguístico de cada povo indígena.

A elaboração de um dicionário para uma língua indígena em contexto de ameaça é capaz de criar um registro duradouro, permanente e contribuir diretamente para o aumento de vitalidade desta língua.

Referências

ATKINS, Beryl T. Sue.; RUNDELL, Michael. **The Oxford Guide to practical lexicography**. Oxford University Press: New York, 2008.

BRITO, Saulo; BIRCHALL, Joshua. **csv2rmd: Um programa python para produzir dicionário multimídia com Markdown**. Versão 0.1. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2022. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.6642438.

BRITO, Saulo; BIRCHALL, Joshua; GALUCIO, Ana Vilacy. **csv2rmd: Um programa python para produzir dicionário multimídia com Markdown**. Versão 0.2-beta. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2023. DOI: https://zenodo.org/doi/10.5281/zenodo.10078840.

CHAGAS, Angela; GALÚCIO, Ana Vilacy Introduction. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. e801, 2024. DOI: 10.25189/2675-4916.2024.v5.n1.id801. Disponível em: https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/801. Acesso em: 20 may. 2025.

FERREIRA, Marília de Nazaré. Reflexões sobre a atividade de elaboração de um dicionário bilingue. **Revista Intercâmbio**, volume XIX: 68-80, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

FRANCHETTO, Bruna; MAIA, Marcus. Introduction. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 01–16, 2020. DOI: 10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id346. Disponível em: https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/346. Acesso em: 20 may. 2025.

FREITAS, Mariana Gonzaga Marques de. CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE UM DICIONÁRIO ESCOLAR BILÍNGUE DO KAINGANG PAULISTA. **Língua, Literatura e Ensino**, Dezembro/2017 – Vol. XIV.

GALÚCIO, Ana Vilacy et al. (2026). Dicionários multimídia: uma tecnologia social para auxiliar a aprendizagem e revitalização de línguas minorizadas. **Revista da Abralin**, v. 24, n. 2, p. 116- 144 , 202 5. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2384. Acesso em: 17 de setembro de 2026.

KROSKRITY, Paul V. **Designing a dictionary for an endangered language community: Lexicographical deliberations, language ideological clarifications**. 2015.

MOSEL, Ulrike. Dictionary making in endangered speech communities. In Peter K. Austin (ed.) **Language Documentation and Description**, vol 2. London: SOAS. pp. 39-54. 2004.

PADOVANI, Bruna Fernanda S. de Lima-. A construção de dicionário bilingue para a língua apurinã (aruák): passos iniciais. v. 5 n. 9 (2018): **Revista Sentidos da Cultura**.